



Monitor de recifes da ONG Pró-mar, José Carlos Barbosa, trabalha na remoção de colônias do coral-sol no recife natural dos Cascos, localizado a 12 km de Salvador por mar

BAÍA DE TODOS-OS-SANTOS Natural da Ásia, cnidário provoca extinção de espécies nativas e pode reduzir oferta do pescado

Coral invasor ameaça biodiversidade local

FRANCO ADAILTON

No fundo da Baía de Todos-os-Santos (BTS), uma ameaça silenciosa põe em risco a biodiversidade marinha nos recifes de corais. É o coral-sol (*Tubastrea tagusensis* e *Tubastrea coccinea*), um bioinvasor trazido da Ásia nos anos 1980, que há dois anos tem se espalhado na Bahia.

O animal cnidário (do mesmo grupo das águas-vivas e anêmonas) se reproduz de forma assexuada, provoca a extinção dos corais nativos e, pior, pode reduzir a oferta do pescado no longo prazo.

Com capacidade reprodutiva de duas a três vezes maior do que as espécies nativas, o

coral-sol, se não combatido com urgência, dizem especialistas, causará impacto nas economias de cinco cidades: Salvador, Itaparica, Vera Cruz, Salinas das Margaridas e Maragogipe.

Localizado pela primeira vez na Bahia, em 2008, no naufrágio Cavo Artemidi, o coral-sol vem se proliferando no recife natural conhecido como "Cascos", sedimentado a 20 metros de profundidade na costa leste da Ilha de Itaparica (Grande Salvador), a 12 km da capital via mar.

Nos recifes artificiais, o coral-sol já foi encontrado também na marina de Itaparica e nas plataformas da Petrobras, no estuário do Rio Paraguaçu,

onde fica a Reserva Extrativista Marinha do Iguape.

Pesquisa

Autor do projeto "Corais da Baía", o mestrando em Ecologia e Biomonitoramento pelo Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, Ricardo Miranda, 25, tem pesquisado formas de combater o coral-sol, cuja característica é suprimir as espécies nativas quimicamente.

O estudioso e o monitor de recifes de coral da ONG Pró-mar, José Carlos Barbosa, 49, foram os primeiros a detectar a presença de centenas de colônias do coral-sol no recife natural dos Cascos, no final de 2011.

"O que pode acontecer é a evasão de espécies marinhas dos corais, já que o coral-sol, além de não servir de comida, também come os plânctons que as alimentam", explica o biólogo, sobre os efeitos na cadeia alimentar.

Como parte da pesquisa financiada pela instituição inglesa de conservação ambiental Ruffur Foundation, a equipe do projeto Corais da Baía tem feito experimentos para combater o coral-sol.

Em um deles, detectou que o coral *Montastraea cavernosa* desenvolveu uma estratégia de contra-ataque ao coral-sol. No outro, identificou verme-marinho poliqueta-de-fogo (*Hermodice curru-*

culata) como um predador natural do invasor.

"Temos que ampliar os estudos, porque não podemos simplesmente aumentar o número de vermes sem saber as consequências", explica ele, cujo projeto será concluído em agosto de 2014.

Remoção manual

Enquanto as pesquisas continuam em andamento, a remoção das colônias de coral-sol tem sido feita pelas ONGs de forma artesanal, com marretas e talhadeiras.

Na última quinta-feira, A TARDE acompanhou ambientalistas da ONG Pró-mar em uma expedição de monitoramento para analisar a expan-

são das colônias de coral-sol na região dos Cascos.

"O coral-sol não é apenas um bioinvasor, é uma praga", observa o presidente da Pró-mar, José Pinto, 49, o Zé Pescador, cujo trabalho consiste em educar pescadores para a conservação da biodiversidade marinha.

Ele alerta que a retirada das colônias invasoras requer treinamento, sob o risco de o coral-sol espalhar novas larvas, caso seja removido de maneira errada.

"Nasce sobre qualquer superfície: ostras, metal, concreto, fibra-de-vidro e até na lama", enumera, temeroso de que o coral-sol se proliferasse nos manguezais.



"Essa praga deve ser combatida com políticas públicas permanentes"

ZÉ PESCADOR, ambientalista



"É um problema regional, que merece atenção do Estado e dos municípios"

RICARDO MIRANDA, biólogo da Ufba



"Se confirmada a participação das empresas, estas serão cobradas"

CRISTINA SEIXAS, promotora

Animal veio em navios petroleiros nos anos 1980

Segundo pesquisas de estudiosos da bioinvasão marinha, o coral-sol veio dos oceanos Índico e Pacífico para o Brasil na década de 1980, via indústria petrolífera.

Entrou pelo Rio de Janeiro, mas já chegou a Santa Catarina, São Paulo, Espírito Santo e, por último, à Baía de Todos-os-Santos (BTS).

Coordenadora do Núcleo BTS do Ministério Público da Bahia, a promotora de Justiça Cristina Seixas investiga a bioinvasão do coral-sol.

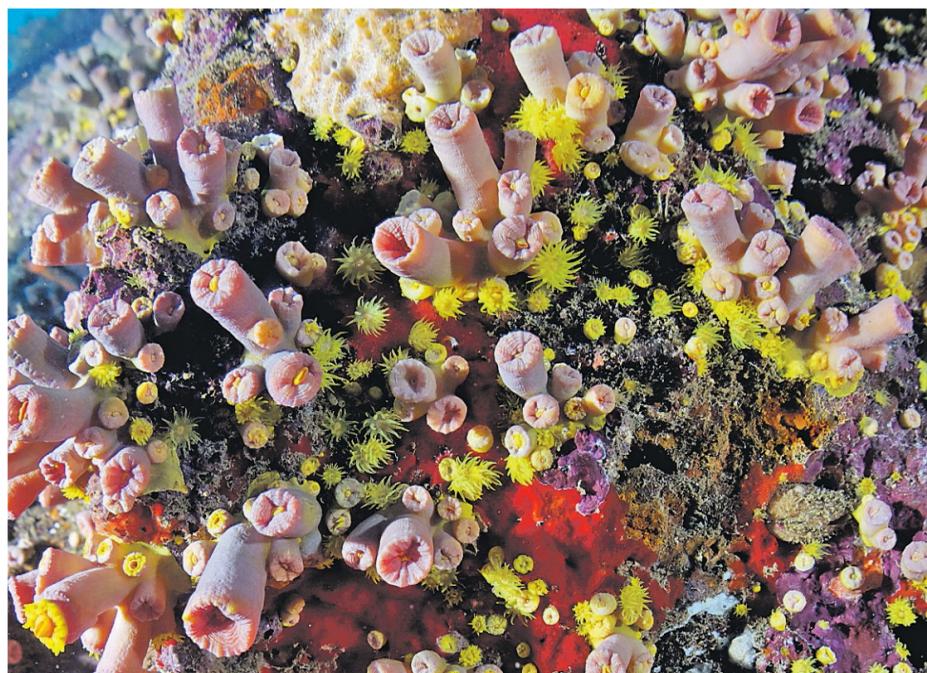
Conforme informou, a instituição tem atuado em conjunto com ONGs, a Ufba e empresas exploradoras de petróleo e gás na Bahia, para saber de que forma a praga pode ser combatida.

"Caso seja confirmada a participação das empresas nessa bioinvasão, serão cobradas a tomar providências", alertou, ao referir-se ao princípio do direito ambiental do "poluidor-pagador".

Bioincrustação

Por meio de nota, a Petrobras informou que "remove a bioincrustação dos cascos de suas embarcações periodicamente", além de revesti-las com tintas especiais que dificultam a incrustação.

A nota diz, ainda, que a Petrobras firmou parceria com a Marinha do Brasil na elaboração de um estudo para técnicas de controle de espécies invasoras na costa brasileira, inclusive, na Bahia.



O coral-sol se multiplica nos espaços das espécies nativas e forma centenas de colônias

Dos 25 tipos de corais do Brasil, 22 existem na Bahia

Questionados sobre ações de combate ao coral-sol na Bahia, o Ministério do Meio Ambiente e a Secretaria Estadual de Meio Ambiente não responderam até o fechamento desta edição.

Na Bahia estão 22 dos 25 tipos de corais do Brasil, diz o biólogo Ricardo Miranda. Do sul do Estado ao norte da região Nordeste está a única faixa de recifes de coral do Atlântico Sul, completa.

Pesquisadores e ambientalistas temem que a praga chegue à região do Parque Nacional de Abrolhos. "Onde está a maior biodiversidade marinha do País", diz Miranda.